

Entrevista

Ali Kaya Savut

Qual o estado das relações entre Portugal e a Turquia?

São excelentes. Apreciamos muito o apoio português ao pedido da Turquia de adesão à União Europeia. Este é o maior aspecto político delas. Economicamente, o volume de comércio nas duas direcções representa mais de um bilião de dólares. Esteve equilibrado até há alguns anos e agora Portugal tem alguma vantagem. Estamos a comprar, segundo os números oficiais turcos, 600 milhões de dólares e a vender 450 milhões de dólares em bens. São basicamente produtos industriais. Alguém dizia que estamos a comprar Volkswagens e estamos a vender-vos Fords. Mas claro que este volume pode ser aumentado. O objectivo deve ser duplicá-lo ou triplicá-lo. Agora, também há voos directos da Turkish Airlines para Istambul a partir de Lisboa. No Verão temos cerca de 50 mil turistas portugueses a visitar a Turquia. Há também empresas portuguesas lá instaladas. Só a Cimpor tem quatro. As relações são boas.

Culturalmente não nos conhecemos tão bem...

A distância explica um pouco isso. Até mesmo turisticamente. Os nossos turistas vão para França e para Itália. Este é o outro lado final da Europa. E nós estamos no outro fim da linha. Para Portugal é, talvez, a mesma coisa. Há a distância. Mas nós também nos definimos como parte da cultura mediterrânica, portanto há ligações. Penso que o turismo será uma solução para isso. As pessoas vão conhecendo Istambul, a Antalya. E, até agora, não era fácil para um turista turco conseguir um visto de Schengen para vir a Portugal. Especialmente um visto português. Portugal não tem um consulado em Istambul. Para se ter um visto, tem de se ir a Ancara. O que dificulta tudo, mesmo para os turcos afluentes virem até aqui. Com o tempo as pessoas vão conhecer-se melhor.

Como é que a Turquia está a encarar a Primavera Árabe e todos os conflitos que se estão a desenrolar no Médio Oriente?

Para nós, a Primavera Árabe foi o resultado da aspiração dos árabes por mais liberdade, por democracia, por prosperidade, por dignidade. Pensamos que foi legítima e a Turquia sempre apoiou isso. O nosso primeiro-ministro, Recep Tayyip Erdogan, durante os eventos, quando foi ao Egito, à Tunísia e à Líbia, mostrou a simpatia que sentimos pelo que se chama a Primavera Árabe ou a Transformação Árabe, como algumas pessoas preferem chamar-lhe.

Como vê o conflito sírio e as suas implicações no Irão? Até porque a Síria chegou a fazer parte do Império Otomano...

Temos mil quilómetros de fronteiras comuns com a Síria. Assim, tudo o que acontece na Síria tem um impacto directo na Turquia. Ainda acolhemos muitos refugiados sírios. Cerca de 10 mil estão em tendas do nosso lado da fronteira e estamos a protegê-los. Recentemente houve um encontro dos Amigos da Síria na Tunísia. Estamos dispostos a acolher o próximo encontro. Ficámos desapontados quando o Conselho de Segurança da ONU não conseguiu adoptar uma resolu-

ção para condenar a Síria, por causa do veto da Rússia...

E da China...

...e da China. Correcto. Mas a Assembleia Geral adoptou uma resolução quase similar a condenar o regime sírio. O meu ponto de vista pessoal é que a Rússia também mudará o seu ponto de vista se o regime sírio continuar com esta violência. Penso que a Rússia poderá mudar de opinião e não se opor a uma nova resolução do Conselho de Segurança. Pensamos que o senhor Kofi Annan, que foi nomeado como enviado especial da ONU, foi uma boa escolha para ser uma ponte entre diferentes sensibilidades e para contribuir para uma solução deste problema. Pensamos que devemos estar comprometidos em terminar com a possibilidade de os regimes cometerem atrocidades sobre os seus próprios cidadãos. Mas também devemos preocupar-nos para que a ajuda humanitária chegue a quem precisa dela. O que é importante é apoiar a oposição. E assegurarmo-nos que a principal força da oposição, o Conselho Nacional Sírio, consiga congregar os

outros grupos. Isto é importante e deve ser apoiado.

A política da Rússia na área tem sido a continuação da de Catarina, a Grande. Com presença naval no Mar Negro e no Mediterrâneo. A Síria tem a única base naval russa no Mediterrâneo. É essa a razão desse apoio russo?

Definitivamente. É a continuação dessa estratégia. Por outro lado, nós cooperamos bastante com a Rússia, especialmente no campo económico, há muitos empresários turcos a trabalhar na Rússia.

Os dois maiores parceiros económicos da Turquia, curiosamente, são a Rússia e a Alemanha.

Exactamente. Não temos as mesmas relações que no tempo de Catarina, a Grande...

Quando cruzamos Istambul, o que vemos é a uma grande diferença nas pessoas com que nos cruzamos. Encontramos a tradição e a modernidade. Isso levanta uma questão: a Turquia ainda está interessada em fazer parte da União Europeia?

É uma questão que muitos amigos por-

tugueses me colocam. Por causa, dizem, da confusão que existe na UE. Até alguns responsáveis políticos me colocam esta questão. A Turquia está interessada em juntar-se a uma família com os mais altos padrões de democracia, direitos humanos, primado da lei, liberdade de expressão, mercado livre. Quer alcançar os níveis europeus. Esse é o nosso maior objectivo. Um objectivo estratégico é juntarmo-nos à União Europeia. É a nossa opinião oficial. Tem razão quando refere que as pessoas estavam mais interessadas em juntar-se à UE há alguns anos. Em 2004, quando nos candidatámos, tínhamos talvez um apoio de 80% dos nossos cidadãos. Hoje é menos de 50%. Mas, como disse, é o nosso objectivo oficial. Nestes dias, não por razões económicas mas pela democracia.

Quando o primeiro-ministro Erdogan chegou ao poder, uma das suas primeiras medidas foi fazer reformas económicas consentâneas com o que a UE desejava. No entanto, o vosso ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoglu, escreveu há 10 anos um livro em que dizia que a Turquia era o centro de três círculos, re-

“A Turquia está interessada em juntar-se a uma família com os mais altos padrões de democracia”

A Turquia tem uma situação geográfica única. Faz parte da Europa, integra o mundo muçulmano, está imersa nas tradições da Ásia. É uma fronteira porosa e estimulante entre diferentes mundos e dois continentes. Ao mesmo tempo é política, económica e militarmente uma potência regional que pretende integrar a União Europeia, mas não esquece as suas ligações às regiões com as quais tem fronteiras históricas. Ali Kaya Savut, o Embaixador da Turquia em Lisboa, fala-nos de todos estes círculos de interesses que se cruzam num país muçulmano e secular, onde o legado de Atatürk é respeitado. Ciente do novo papel da Turquia numa região marcada por inúmeros conflitos e que busca inspiração em modelos com sucesso, fala também das questões curda e arménia, do Iraque, da Síria e das relações com Portugal. E da forma como a Turquia, caso integrasse a União Europeia, a poderia tornar mais diversificada e rica culturalmente, além de mais poderosa em termos políticos e económicos.

FERNANDO SOBRAL

fsobral@negocios.pt



forçando a ideia da importância do país no Médio Oriente ou na Ásia Central. Ou seja, a Turquia não tende a olhar exclusivamente para a Europa. Como vê estes diferentes estímulos estratégicos?

Há um dinamismo na economia turca e não apenas em Istambul. Desde há alguns anos, algumas cidades da Anatólia começaram a ter uma importância industrial tão importante como a região de Istambul. Os empresários destas cidades também se estão a tornar exportadores. Tomam riscos, vão para países distantes de África. Este dinamismo também vai para o Médio Oriente e Ásia Central. Mas não podemos opor isso face à nossa opção pela Europa. Podemos fazer um paralelo com Portugal. Vocês fazem parte da União Europeia mas estão a olhar para a América Latina e para África. Por causa das ligações tradicionais e das vantagens económicas. Podem fazer negócios com Moçambique mais facilmente do que um checo ou um polaco. No nosso caso é a mesma coisa. Podemos ter mais negócios com a Arábia Saudita ou com a Rússia mas, ao mesmo tempo, podemos tentar juntarmo-nos à família europeia por causa dos altos padrões de democracia. Portugal, às vezes, também é cri-

ticado por fazer mais negócios com o Brasil ou com outros países do que com a Europa, mas isso é compreensível devido à sua situação geográfica e à vossa história. No caso turco é o mesmo. Politicamente continuamos a olhar para a Europa

Neste momento é visível um problema entre a Turquia e a França por causa do povo arménio. Qual é a vossa sensibilidade perante tão forte troca de palavras?

Este é um assunto completamente diferente. São acontecimentos de 1915, no tempo do Império Otomano. Foram acontecimentos trágicos. Foram mortos cidadãos arménios do Império Otomano, mas também muçulmanos, árabes, curdos e de outras nacionalidades dos Balcãs. Infelizmente, nos anos 80, alguma diáspora arménia emigrou da Turquia para muitas partes agradáveis do mundo. Foram para a Califórnia, Florida, Riviera francesa. Estes grupos arménios começaram a promover a ideia de genocídio, com a qual eu não concordo porque o Império não tinha a intenção de aniquilar todos os arménios.

Mas durante estes tempos trágicos houve muitas atrocidades em todas as direcções e sobre todos os grupos. Esta diáspora, como era forte, pôde promover nos Paramentos de alguns países a ideia de que o genocídio deveria ser reconhecido. Agora, era muito óbvio da parte do senhor Sarkozy que fazer isto antes das eleições, para conseguir os votos dos arménios em França, era bom. Estamos abertos a que os historiadores discutam este tema. Não é o papel dos Paramentos julgar ou decidir o que sucedeu num país há muitas dezenas de anos. Por outro lado, com a Arménia, quando ela se tornou independente depois do colapso da União Soviética, estabelecemos relações diplomáticas, mas depois eles ocuparam algumas partes do Azerbaijão, e estes são, como se poderia dizer, nossos primos culturais e etnicamente. Agora a Turquia não tem relações diplomáticas com a Arménia. Temos pena porque isso seria muito bom para a Arménia que é um país muito pequeno e pobre. Mas também seria bom para a parte da Turquia que tem fronteira com a Arménia. Portanto, alguns políticos usam este argumento apenas para ganhar votos e alguns para continuar a colocar a Turquia fora da União Europeia. Não sei se sabe, mas esta embaixada foi atacada por terroristas arménios em 1983. Vieram de França e fizeram explodir parte do outro edifício. Mataram também um polícia português e a mulher do nosso encarregado de negócios. Às vezes temos uma cerimónia para recordar isso e convidamos sempre a filha do polícia morto no ataque.

A Turquia sempre foi uma plataforma circulatória entre povos. Era um dos portos finais da Rota da Seda. Pode continuar a ser ponte?

Nós não usamos a palavra ponte. Mas é o mesmo. Se um dia a Turquia fizer parte da União Europeia, pode torná-la culturalmente mais compreensiva. A UE não é um clube cristão, mas um clube de valores democráticos. Politicamente também poderemos ajudar a Europa a ser estrategicamente mais eficiente do que hoje. Economicamente a UE, se a Turquia fizer parte dela, será mais competitiva, face aos gigantes como os EUA, a China ou a Índia.

O chamado modelo turco é bom para outros países na região?

Não usamos a palavra modelo porque todos os países têm as suas características. Mas dizemos que a Turquia foi uma fonte de inspiração, especialmente para a transformação árabe, ou a Primavera Árabe. Estes países árabes viram que a Turquia é uma democracia e que tem prosperidade. Foram inspirados e perceberam que um país muçulmano também pode ter uma democracia e ser um país rico. Isto inspirou as pessoas nas ruas. Mais do que um modelo é uma inspiração.

Qual é a essência da herança de Mustafa Kemal Atatürk nos nossos dias?

Hoje ainda é o símbolo da Turquia moderna. Ainda é muito respeitado. Veja, as mulheres turcas tiveram direito a votar antes da Suíça, antes de outros países europeus. As mulheres turcas respeitam-no muito porque as emancipou. O legado mais importante de Atatürk é o sistema secular. Erdogan, quando visitou estes países árabes, disse que a democracia e a religião do Islão são compatíveis se o sistema for secular. O Estado não pode ter religião. As pessoas podem ter religião, mas o Estado deve estar a uma distância igual de todas as religiões. Foi valente porque nem toda a gente estava à espera de ouvir estas palavras no Egipto ou na Tunísia. Porque muitos pensam que o sistema secular é ser ateu. Mas ele, mesmo como político conservador, promoveu o sistema secular. E isto mostra que o legado de Atatürk é ainda hoje muito forte na Turquia.

Como define a democracia na Turquia?

Como sabe, tornámo-nos uma República em 1923. Em 1950 começámos o sistema multipartidário. Temos uma democracia, mas ainda precisa de muitas reformas. A nossa candidatura à UE fez com que continuássemos a fazer reformas para melhorá-la. Hoje há esforços para criar uma nova Constituição e todos os grupos e ONGs estão convidados a dar contributos. Tem havido críticas ao sistema judicial turco e também em Janeiro houve uma nova tentativa para o reformar. A candidatura à UE ajuda a reforçar estas reformas.

Há um problema muito complicado, o curdo. Os curdos são fortes na Síria. Fala-se da independência do Curdistão iraquiano. Mas, curiosamente, há um investimento muito forte em termos económicos da Turquia no Curdistão iraquiano. Há muitos sinais que parecem contraditórios...

Este é o grande problema que está defronte da Turquia. Istambul é a maior cidade curda. Os curdos estão em toda a parte. Não estão apenas na sua zona do sul. A Turquia tem tido políticos e chefes militares de origem curda. Quanto ao Iraque, queremos que esse país se mantenha unido e íntegro. Para nós, é muito importante que sunitas, xiitas e curdos se mantenham juntos. Temos muito cuidado para não jogar a carta dos sunitas contra xiitas. Ou ao contrário. Também na Síria temos muito cuidado para que os sunitas e os alauitas não se dividam. Como diz, os empresários turcos estão muito activos no norte do Iraque e até recentemente também o estiveram na Síria. O governo do senhor Erdogan tem planos para amnistiar os combatentes curdos no Iraque, mas depois houve uma reacção forte da opinião pública turca porque eles continuavam a usar os uniformes de guerra quando chegaram à Turquia. O líder do PKK está numa prisão perto de Istambul e houve algumas negociações secretas entre ele e alguns, digamos, responsáveis turcos. Há muitos planos. Porque pensa-se que o problema curdo deve ser resolvido politicamente e não como uma questão de segurança. Veja: agora temos uma televisão curda, que talvez não fosse possível de imaginar há 10 anos. Há progressos e reformas. O que torna tudo difícil é o terrorismo. Se, por exemplo, explode uma bomba em Ancara ou noutra cidade, fica mais difícil uma solução democrática deste problema. A violência mina o processo democrático. **w**

